

Um olhar sociolinguístico sobre as interações do teletandem: diversidade e variações linguísticas

Daniela Nogueira de Moraes Garcia
Universidade Estadual Paulista

Resumo: Este artigo enfoca a diversidade e as variações linguísticas nas interações por e-mails e chats nas parcerias de teletandem. Partindo-se da interface entre aquisição de língua estrangeira e a sociolinguística, abordamos as variantes linguísticas sob a perspectiva das variações sociais da língua, em especial com relação à norma culta e popular da língua portuguesa no contexto teletandem. Buscamos, na Sociolinguística, luz para as análises e enfoques que pretendemos fazer nas interações de teletandem e discorremos sobre o Projeto Teletandem Brasil, suas ideias e orientações teóricas, a partir de dados coletados. Os resultados deste estudo revelam que as variações nas produções dos estrangeiros, aprendizes do português, são oriundas de flutuações entre a norma culta e a coloquial por ainda não apresentarem plena competência comunicativa na língua-alvo.

Palavras-chave: Sociolinguística; teletandem; variação linguística; adequação linguística.

INTRODUÇÃO

No processo de ensino e aprendizagem de línguas, questões de diversas naturezas emergem e nos fazem pensar na diversidade da linguagem e nos aspectos que a constituem. O contexto *tandem*, que diz respeito à troca de conhecimento em línguas estrangeiras, é bastante propício para que consideremos a diversidade e as variações linguísticas por permitir que, com naturalidade, questões como estas aflorem. No Projeto Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos (Telles, 2006), parcerias entre alunos universitários são promovidas pela mensageria instantânea via aplicativos gratuitos como *Windows Live Messenger*, *Skype* e *ooVoo*, a fim de que o acesso ao conhecimento, às línguas, falantes e cultura seja proporcionado e que ações de aprender ocorram de forma autônoma e recíproca.

Segundo Beline (2002), “embora o indivíduo possa utilizar variantes, é no contato linguístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar os limites para sua variação individual. Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhança entre a língua que ele fala e a que os

outros membros da comunidade falam.” (p. 125). Assim, verificamos que o contexto *teletandem* irá possibilitar um espaço para que os aprendizes da língua portuguesa percebam semelhanças entre o que aprendem e o que utilizar em quais situações de comunicação e tenham consciência de que certas adequações, às vezes, serão necessárias.

Nosso estudo investiga pontos pertinentes nas interações em *teletandem*, enfocando a diversidade e as variações linguísticas que surgem na comunicação entre os pares. Buscamos, na Sociolinguística, luz para as análises das interações. Também, abordamos o Projeto Teletandem Brasil, doravante TTB, suas ideias e orientações teóricas e, a partir de dados coletados, fazemos algumas considerações.

Desenvolvemos esta pesquisa em duas grandes partes: a primeira apresenta a fundamentação teórica, abordando os estudos sociolinguísticos e enfocando aspectos da comunicação, variantes diafásicas, linguagem culta e coloquial. A segunda parte traz a análise das interações em *teletandem*. A seguir, apresentamos a revisão bibliográfica para embasar a reflexão sobre a adequação na linguagem que se faz necessária na interação entre os aprendizes – estrangeiro e brasileiro. É importante considerar os fatores sociolinguísticos que podem afetar a comunicação em determinadas situações, nas quais tal adequação é necessária para que haja ajustes entre os interlocutores, e a comunicação se dê de forma clara e objetiva. Neste estudo, partimos da definição do objeto de estudo da sociolinguística e discutimos as delimitações do campo de estudos dessa ciência da linguagem. Passamos, agora, a tratar no item I da unidade e não unidade da língua; das questões teóricas a respeito da sociolinguística no item II; e da variação linguística no item III. A seguir, no item IV, mencionaremos brevemente as diretrizes do projeto Teletandem Brasil e as interações *in-tandem*. A partir disso, passaremos para a análise dos dados e, por último, para as conclusões e encaminhamentos.

UNIDADE E NÃO UNIDADE DA LÍNGUA

Ferdinand de Saussure (1916) é um precursor que deixou marcas nas ideias e conceitos concernentes à linguagem. Ao buscar um objeto específico para a linguística, apresentou as distinções

entre língua e fala, sincronia e diacronia, forma e substância. Para ele, a homogeneidade é inerente à língua, um sistema de signos. Noam Chomsky (1957, 1965) “concebe o conhecimento sobre as línguas como um conjunto de regras de como formar frases. Estas regras são consideradas como constituindo a competência dos falantes, considerados idealmente, ou seja, fora de qualquer situação histórica particular” (Guimarães e Orlandi, 2006, p. 150). Tanto Chomsky como Saussure trouxeram contribuições imensuráveis para a construção e consolidação de teorias do conhecimento da linguagem. Porém, tais autores, firmados na unidade da língua, não deram conta de elementos importantes para a compreensão dos mecanismos e conceitos que permeiam os fenômenos linguísticos. Todavia, desencadearam estudos focados na não unidade da língua. Para preencher essa lacuna deixada, emerge a sociolinguística como importante ramo nos estudos linguísticos. Camacho (2006) reconhece os princípios que têm norteado as discussões acerca da definição do objeto de estudo da linguística. A homogeneidade do sistema linguístico, inicialmente defendida por Saussure, cai por terra diante de conceitos como variação, sujeito, uso, interação, contexto social, que vão atribuir outra orientação aos fenômenos linguísticos e ao funcionamento da gramática de uma língua.

Assim, os conceitos acima mencionados vão reafirmando sua importância nas práticas de *teletandem* a partir do momento em que percebemos, nas interações, relações sendo construídas além do saber linguístico. A percepção da heterogeneidade e a dinamicidade da língua permitem que questões práticas de uso possam ser contempladas e tomadas como objeto de estudos. Para explicarmos tal heterogeneidade, buscamos fundamentação teórica na sociolinguística, item discutido a seguir.

A Sociolinguística

A sociolinguística é uma ciência que estuda a linguagem em seu contexto social. Segundo Alkmin (2004, p. 29), o termo foi criado nos Estados Unidos e fixou-se em 1964 com a tradição de estudos voltados para a questão da relação entre a linguagem e a sociedade. Os primeiros trabalhos, sob o nome de *sociolinguistics*, foram publicados em 1966 e abordam os fatores relacionados com

a diversidade linguística. Ainda, segundo a autora, a sociolinguística nasce marcada pela interdisciplinaridade e tem como objeto de estudo: a língua falada observada e descrita em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Desse modo, segundo a autora (Alkmin, 2004, p. 31), esta ciência linguística focaliza não apenas pessoas que falam a mesma língua, mas que se relacionam e que orientam seu comportamento verbal por um conjunto de regras pré-definidas.

Camacho (2003) destaca que, até o início da sociolinguística moderna, estudos firmados no axioma da categoricidade, como o de Fisher (1958), Labov (1972) e outros, a partir da década de 60, já evidenciavam a heterogeneidade inerente da linguagem e a variação como sistemática, regular e ordenada. Considerando a autonomia do sistema linguístico e, posteriormente, a inter-relação com o mundo social, é que a sociolinguística vai delimitando seu campo de estudos e seu objeto, relações língua e sociedade. Segundo Alkmim (2004, p. 31):

(...) o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Anteriormente, a sistematização da língua era pensada em termos somente linguísticos, isolados de quaisquer outros fatores, criando-se, assim, uma redoma de vidro em torno da língua constituindo uma total homogeneidade. Variações não eram consideradas e nem sequer situações de produção e interlocutores eram levados em conta. A partir dos estudos sociolinguísticos, é possível pensarmos em relações entre formas linguísticas e espaço geográfico (dialetos), em conceitos como variantes linguísticas envolvendo componentes fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais, noções de comunidade linguística, significados e papéis sociais.

De acordo com Pagotto (2006, p. 52), “(...) o que se faz em sociolinguística é buscar lugares de intersecção entre o mundo social e a dimensão linguística”. O autor aponta três grandes áreas, sob o rótulo de sociolinguística, que se fixam em aspectos relevantes

do funcionamento da língua em sociedade, a saber: a Teoria da Variação e Mudança que visa “ (...) discutir de que maneira o sistema linguístico é afetado pelas relações com a sociedade...” (Ibid., p. 52), pensando na enunciação e na organização da sociedade, a “Etnografia da Fala” que foca no “ (...) conhecimento das regras sociais que norteiam o emprego das formas linguísticas como parte do funcionamento social da comunidade” (Ibid., p. 52) e a “Sociologia da Linguagem”, que busca “ (...) estudar relações ‘maiores’ da língua com a sociedade” (Ibid., p. 52), ocupando-se especialmente de comunidades plurilíngues.

Segundo Beline (2002, p. 125), a sociolinguística é a “área da ciência da linguagem que procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua - a fonética, a morfologia e a sintaxe - e também no seu léxico”. Sendo assim, podemos dizer que a sociolinguística não apenas procura por regularidades na língua, mas busca explicar como esta ocorre em contexto natural de comunicação, levando em conta não só o padrão linguístico, como também fatores de ordem sociocultural, que podem estar ligados ao falante e/ou à situação de comunicação. Por exemplo, podemos mencionar variáveis tais como idade, sexo do falante, profissão como fatores ligados ao falante; e ambiente, tema da conversa e grau de intimidade entre os falantes como fatores ligados à comunicação, fatores estes que determinarão o modo como a língua será usada.

Variação Linguística

De acordo com Alkmin (2004), ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de “variedades linguísticas”. O conjunto de variantes linguísticas usado por uma comunidade é chamado “repertório verbal” ou repertório linguístico. Podemos constatar ainda, a partir da leitura de Alkmin (2004, p. 32), que língua e variação são inseparáveis. Porém, ao contrário de outras ciências da linguagem, a sociolinguística encara

a diversidade não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, a autora menciona que qualquer tentativa de buscar aprender apenas o invariável significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico real. Entendemos que seja importante considerar que “(...) um mesmo indivíduo opera com regras variáveis (...)” (Beline, 2002, p. 128) para podermos situar nosso estudo nessa perspectiva de verificar as variantes empregadas pelos falantes, na maneira pela qual constroem e veiculam o significado.

Pagotto (2006) reconhece que as formas em variação sejam possibilidades de se dizer a mesma coisa ou diferentes ocorrências de uma intenção comunicativa. Ele apresenta ainda uma definição das variantes linguísticas como possibilidades formais diferentes, que constituem a língua, de expressar a mesma função comunicativa. Tarallo (1985 *apud* Oliveira, 1986, p. 88), acerca de variantes e variáveis, afirma que:

Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística.

Assim, consideramos de suma importância o fato de que: “As línguas têm todas à sua disposição mecanismos para expressar o mesmo conteúdo semântico-proposicional de diversas maneiras conforme diferentes organizações discursivas” (Galves; Fernandes, 2006, p. 79). Segundo Marcuschi (2001, p. 16), as variações linguísticas são determinadas pelos usos que fazemos da língua. O autor declara que “são as formas que se adequam aos usos e não o inverso”. Bright (1966, *apud* Alkmin, 2004, p. 28) acredita que a diversidade linguística possa estar relacionada a um conjunto de fatores socialmente definidos: (a) a identidade social do emissor ou falante (estudo dos dialetos de classes sociais e diferenças entre falas), (b) a identidade social do receptor ou ouvinte (estudo das formas de tratamento) e (c) contexto social (diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal) e (d) atitudes linguísticas. Do ponto de vista sincrônico, a variação linguística pode ser classificada em: (a) diatópica, (b) diastrática e (c) diafásica. A primeira diz respeito à diversidade motivada pelo espaço

geográfico, a segunda, pelas diferenças no nível socioeconômico do falante e a última, que nos interessa neste estudo, é a variação estilística decorrente das diferentes situações de fala ou registro (Beline, 2002). Para Alkmin (2004, p. 38), nas variações relacionadas ao contexto “os falantes diversificam sua fala - isto é, usam *estilos* ou *registros* distintos - em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais”. Dessa forma, considerando-se que as variações têm fortes implicações com o contexto no qual a manifestação linguística ocorre e, fundamentados na sociolinguística, enfocamos as variações diafásicas presentes nas interações em *teletandem*.

CENÁRIO DO ESTUDO: AS INTERAÇÕES EM TANDEM

Neste momento, tratamos dos procedimentos metodológicos empregados neste estudo de cunho etnográfico. Apesar de classificá-lo como qualitativo, alguns aspectos quantitativos foram abordados, sendo esta uma necessidade reconhecida por pesquisadores para auxiliar na análise e validação dos dados (Chaudron, 1988; Wallace, 1998). Trazemos, no contexto do Projeto TTB, o perfil dos participantes e os instrumentos utilizados para a coleta dos dados que constituem o corpus deste estudo, um recorte de nossa pesquisa de doutorado. Finalmente, discutimos os critérios metodológicos adotados para a análise dos dados.

Os dados do estudo advêm de amostras das interações em *teletandem* entre aprendizes brasileiros de línguas estrangeiras do Curso de Letras de uma universidade pública no interior do Estado de São Paulo (UNESP) e alunos de universidades no exterior que cursam português como língua estrangeira (LE).

Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), dois laboratórios foram instalados em Assis e São José do Rio Preto, oferecendo, de forma gratuita, um espaço apropriado para a prática de *teletandem*, além de outros serviços e atividades.

Tandem, Projeto Teletandem Brasil e Teletandem

Segundo Little *et al* (1999, p. 1), “a aprendizagem de línguas estrangeiras *in-tandem* envolve dois aprendizes de línguas nativas

diferentes que trabalham juntos no intuito de aprender a língua do outro". Trata-se de um compromisso de aprender entre falantes nativos ou proficientes em línguas diferentes. Para Brammerts e Calvert (2003, p. 46):

...a comunicação em tandem oferece a oportunidade para que os parceiros avaliem sua própria aprendizagem, corrijam-se mutuamente e peçam e recebam ajuda de seus parceiros.

A prática *in-tandem* pode ser desenvolvida de várias formas e a sua flexibilidade é uma grande vantagem (Vassallo; Telles, 2006). O *tandem* pode ocorrer entre parceiros no mesmo local para as práticas da língua (*tandem* face a face), ou realizado via comunicação assíncrona: e-mail (*e-tandem*) ou segundo a proposta do TTB (*teletandem*). Proposto por Telles (2006), o *teletandem* é um contexto de aprendizagem de línguas estrangeiras que utiliza os recursos gratuitos do *Windows Live Messenger*, *Skype* e *ooVoo* (Telles, 2006; Telles; Vassallo, 2006, 2009; Vassallo; Telles, 2006, 2009) e permite que o usuário interaja com seu parceiro utilizando voz, texto e imagens por meio de uma *webcam* de forma sincrônica. O Projeto Teletandem Brasil: *línguas estrangeiras para todos* é um projeto de pesquisa educacional, na área de ensino de línguas estrangeiras a distância, que envolve pesquisadores de dois Campi da Unesp: Assis e São José do Rio Preto. (www.teletandembrasil.org). Tem por objetivo formar parcerias de alunos universitários estrangeiros e brasileiros para aprender as línguas um do outro, sob os pilares da aprendizagem em *tandem*: reciprocidade, autonomia e uso separado das línguas (Schwienhorst, 1998).

Brammerts (2003) afirma que pouca atenção tem sido dada à aprendizagem autônoma de LE e comunicação autêntica com falantes nativos na língua-alvo. Assim, percebemos que estamos diante de uma "proposta pedagógica extremamente promissora" (Souza, 2007, p. 218) para a aprendizagem de LEs. Não se sugere, no *teletandem*, o abandono das aulas regulares de línguas nem a dispensa do professor, mas propõe-se uma complementação e um enriquecimento por meio das tecnologias. Little & Brammerts (1996, p. 10) afirmam que a "aprendizagem em tandem é uma aprendizagem autônoma que geralmente não substitui os cursos de línguas, antes, emerge deles e, frequentemente, os complementa".

Os participantes

Pesquisadora participante

Além de pesquisadora do TTB, minhas atividades de docência junto à UNESP conduziram-me ao papel de participante (Burns, 1999). Como pesquisadora, estabeleci contato com os participantes, realizei entrevistas, fiz a coleta de dados, observei sessões de interação e orientação (teórica e prática) e analisei os dados. Na condição de participante, assumi o papel de orientadora/mediadora, colocando-me à disposição dos alunos para auxiliá-los se necessário.

Alunos participantes

Nossos participantes são alunos brasileiros de graduação do Curso de Letras da UNESP, matriculados nas disciplinas de Línguas Inglesa, Francesa, Alemã e Espanhola e alunos estrangeiros falantes nativos ou proficientes nessas línguas e, também, aprendizes de Língua Portuguesa.

Dados e instrumentos

Os dados foram coletados no período de 2005 a 2009, sendo que a maior concentração e volume de parcerias se deu em 2007 e 2008, em função da instalação do laboratório de *teletandem*, criando um ambiente propício e exclusivo para esta prática. Ressaltamos que antes do laboratório, os alunos faziam as sessões em suas casas ou em *lan houses*.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: (a) *E-mails*; (b) gravações em áudio e vídeo; (c) entrevistas; (d) conversas informais e (e) registros escritos das interações (*chats*). Para este trabalho, deter-nos-emos à comunicação síncrona escrita, *e-mails* e *chats*, entre os parceiros de *teletandem* por localizarmos neste meio, dados interessantes acerca da variação diafásica, os quais discutimos a seguir.

ANÁLISE DOS DADOS

Alkmin (2004, p. 28) afirma que “A ideia básica da sociolinguística é a de que a língua abre em vários lugares estruturais ou lexicais a possibilidade da utilização de uma outra forma”. No *teletandem*, as variações, “as outras formas”, principalmente nas produções dos estrangeiros permeiam o processo e nos chamam a atenção. Por quê?

Se o aprendiz ainda não domina plenamente as características próprias da língua estrangeira nas suas modalidades oral e escrita e, principalmente, não teve ainda nenhum acesso aos meios de comunicação natural para praticá-la, que língua, então, usará para se comunicar com um falante nativo?

Saberá este aprendiz se beneficiar das flutuações discursivas entre o oral e o escrito, e mesmo entre âmbito formal e informal? Terá ele noção acerca da variante apropriada para a comunicação nos mais diversos contextos? Decerto que não.

Negrão *et al* (2002, p. 95) declaram que, nos cursos de Português, em nossas escolas:

(...) além de aprender a codificar e decodificar sua representação gráfica, ou seja, ler e escrever, os alunos aprendem a usar as construções socialmente mais aceitas, tidas como mais elegantes por serem as mais usadas por escritores consagrados, a construir textos mais bem elaborados, com argumentação coerente, tendo como pano de fundo os ensinamentos prescritivos e analíticos da tradição gramatical escolar. O que se busca nos cursos de Língua Portuguesa é que o aluno use mais adequadamente, e para maior variedade de fins, o conhecimento linguístico que já possui e que foi adquirido antes mesmo de seu ingresso na escola.

Se pensarmos no ensino e aprendizagem de uma LE, veremos que, muitas vezes, o processo se restringe ao codificar/decodificar, uma vez que o aprendiz não possui um conhecimento linguístico adquirido em um contexto natural, no ambiente em que vive, por meio do contato com os demais falantes da língua. Dessa forma, o aprendiz fica restrito a “falar como uma gramática”, como são avaliados pelos falantes nativos da língua, os quais têm acesso aos meios formais e informais da língua e percebem as flutuações do texto escrito na fala do estrangeiro.

Sendo assim, quando estudamos a convivência entre o oral e o escrito durante a aprendizagem de uma LE em meio virtual, verificamos que o domínio da escrita ocorre antes mesmo que ocorra o domínio pleno da oralidade, visto que, de certo modo, a escola focaliza muito mais as regras formais da língua escrita do que as instâncias discursivas próprias da informalidade e da oralidade. Nesse sentido, as interações em *tandem* propiciam um contexto adequado para que o aprendiz desenvolva a competência comunicativa e fornecem um ambiente para a aprendizagem que mais se aproxima das interações face a face.

Os dados aqui apresentados e discutidos são provenientes de *e-mails* enviados pelos parceiros estrangeiros (escritos em português) e de cópias dos *chats*, ou seja, os registros escritos do MSN e do *ooVoo*. É importante ressaltar que, como a investigação se dá na interface entre a aquisição de língua estrangeira e a sociolinguística, os dados da variação são tratados a partir desta perspectiva. E, como abordamos os *e-mails* e os *chats*, é necessário que se considere que estamos diante de modalidades híbridas que oscilam entre o oral e o escrito. Para Andrade (2004, p. 27):

Essas modalidades não devem ser vistas de forma dicotômica, mas fazendo parte de um continuum tipológico que vai do texto mais formal ao mais informal, tendo como perspectiva o gênero discursivo (...) que está sendo observado. A oralidade e a escrita são, portanto, práticas e usos da língua com características específicas, pois apresentam condições de produção distintas. Desse modo, os usos da língua merecem um olhar significativo por parte de estudiosos e profissionais que trabalham em educação, pois o que determina a variação linguística (formal, informal, culta, popular etc) em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se procuram adequar aos usos, e não o inverso.

Assim, destacamos as “outras formas” (Alkmin, 2004) empregadas pelos não nativos da língua portuguesa, que retratam variações linguísticas em níveis fonético/fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Para uma melhor visualização, os dados em caixa de texto sombreada referem-se à produção do estrangeiro e os da não sombreada do brasileiro. Em *italico* estão as questões para as quais voltamos nossa atenção. É interessante atentar para o fato de que

as sessões de *teletandem* se dão no ambiente virtual que, muitas vezes, propaga a ideia de uma expressão linguística diferenciada – a linguagem da Internet. Todavia, também não podemos deixar de lado a diferenciação da prática de *teletandem*, com propósitos educacionais, de um simples bate-papo com um estrangeiro. Podemos afirmar que este é o contexto no qual os dados se inserem. Assim, entendemos que seja importante considerar a definição de Pagotto (2006, p. 63):

O contexto de enunciação costuma ser descrito em termos do grau de formalidade, mas observe que este grau de formalidade é, no fundo, uma função de todos os outros índices, isto é, o contexto e o conjunto de determinações sociais que age sobre o processo de comunicação definindo e tipificando situações de comunicação que passam, elas próprias, a ter uma espécie de significado próprio.

Dessa forma, observamos que as situações de comunicação no *teletandem* são tipificadas a partir do meio em que ocorrem e dos propósitos estabelecidos para tal prática, partindo do mais para menos formal.

Nos excertos de 01 a 13, podem-se notar variações relacionadas a fatores pragmáticos e discursivos nas frases elaboradas pelos estudantes estrangeiros que praticam *teletandem* com estudantes brasileiros.

As mensagens de Sophie, estudante francesa, também apresentam formas variantes. No excerto 01, ao escrever para a parceira brasileira, Sophie utiliza ‘mi’ (linha 2) e não ‘mim’. O trecho “...acabo de receber o seu mail porque tinha muito trabalho e nao podia ir em internet...” (linhas 2 a 5) também traz algumas variações. A francesa parece inverter a justificativa pela qual recebeu o e-mail mas não respondeu: “nao podia ir em internet”. Nesta frase também temos variação: uma outra forma possível seria “não pude conectar-me à Internet”, depois da qual a falante poderia continuar sua explicação com “porque tinha muito trabalho”. As formas utilizadas não estão incorretas, mas não se inserem nas regras formais da língua

1	Sophie	Ola Lúcia !	22 Set.
2		Tudo bem para <i>mi</i> , acabo de	2007
3		receber o seu mail <i>porque tinha</i>	
4		<i> muito trabalho e nao podia ir em</i>	
5		<i>internet</i> mas agora esta bom.	
6		(...)	

Excerto 01: E-mail trocado por Sophie e Lúcia (francês e português)

No excerto 02, também de Sophie, algumas variações marcam sua fala, como: “...estou tentado o tirar de msn.” (linhas 2 e 3). Assim, percebe-se que a estrangeira não domina plenamente a estrutura da língua portuguesa, mas lança a variedade no contexto virtual, na comunicação com Lúcia. Acreditamos que esta seja uma oportunidade para Sophie acessar a língua estrangeira em meios formais e informais nos quais circula a língua.

O que destacamos como interessante em Sophie é o emprego de “pra o próximo horário” (linha 4), “pra vc” e “pr eu” (linha 6). Consideramos, assim, que a estrangeira não tenha consciência das variantes apropriadas para esta comunicação escrita. A última forma é a que mais nos chama a atenção –pr eu– que, comumente, a utilizamos em comunicação oral em contextos informais, mas raramente a empregamos na escrita. O e-mail também é um gênero discursivo que rompe com os limites da oralidade e da escrita, possibilitando que as marcas orais se mesquem na escrita.

Na comunicação síncrona, pelo *oo Voo*, entre Mia e Luciana (excerto 03), também notamos o emprego de “*pra*” que não é muito recorrente na fala da parceira brasileira. Todavia, Mia (assim como Sophie nos excertos acima) parece ter ciência das flutuações discursivas, não sabemos se entre o oral e o escrito, mas, ao menos, ciência da possibilidade de uso desta variante informal, pois, sete minutos após, utiliza ‘para’ e não ‘pra’.

1	Sophie	Oi Lúcia ! Sei que hà um virus	13 Dez.
2		no meu computador, <i>estou</i>	2007
3		<i>tentado o tirar de msn .</i>	
4		<i>Pra</i> o proximo horario, amanha	
5		te parece bem? Como sempre,	
6		14h <i>pra</i> vc, 19h <i>pr eu</i> ? (...)	

Excerto 02: E-mail trocado por Sophie e Lúcia (francês e português)

1	Mia	<i>pra</i> mim o portugues e dificil	16:02
2	Mia	eu tambem nao tenho condicoes	16:09
3		financeiras <i>para</i> viajar	

Excerto 03: Trecho da interação de 18/10/2008 pelo ooVoo de Mia e Luciana (inglês e português)

Nos excertos de 04 a 06, destacamos a variação linguística em relação a escolhas lexicais não apropriadas para o contexto em que estão inseridas.

Ellen (excerto 04) possivelmente faz uma comparação com sua língua nativa ao afirmar que está com dor de garganta, diz: "...tenho horrivel dor de garganta..". Em inglês, afirmaria "I have a horrible sore throat", com o verbo 'have' sendo traduzido para o português como "tenho". Podemos destacar ainda a inversão na posição do adjetivo, que na fala de Ellen é colocado antes do substantivo. Assim, vemos que tanto a escolha verbal quanto a ordem das palavras tenham relações com sua língua nativa.

1	Ellen	eu fiquei doente.. nao posso falar	31 Mai.
2		porque tenho horrivel dor de	2008
3		garganta..	

Excerto 04: E-mail trocado por Ellen e Luciana (inglês e português)

Nos excertos 05 e 06, notamos intervenções das parceiras brasileiras, Taís e Luciana.

1	Steve	eu <i>fiz</i> um erro...Não <i>há</i> problema	21/9/2007
2	Taís	não tem problema :D	21/9/2007

Excerto 05: E-mail trocado por Steve e Taís (inglês e português)

Mia	agora estou <i>tomando classes</i> de flamenco (...)	16:13
Luciana	(estou tendo aulas)	16:14

Excerto 06: Trecho da interação de 22/11/2008 pelo ooVoo de Ellen e Luciana (inglês e português)

Essas intervenções entram nos acordos que os pares fazem no início de suas interações em *teletandem*. A maioria dos estudantes faz opção para que o parceiro intervenha quando achar necessário e, assim, é possível que a aprendizagem da língua ocorra por um canal natural de comunicação semelhante à comunicação face a face em que se dá a negociação de sentido pelos pares. Alguns parceiros, além da intervenção ainda apresentam explicações para justificá-las.

No excerto seguinte, número 07, temos a informalidade marcada na fala da estrangeira Mia pela escolha da variante “*dar o bolo*” (linha 3). Trata-se de uma gíria, uma forma selecionada que marca um estilo coloquial e significa ‘não comparecer’, ‘deixar à espera sem aviso prévio’.

1	Mia	Oi,	20 Fev.
2		Desculpe por não falar com você na	2008
3		feira. Eu não queria <i>te dar o bolo</i> , de	
4		verdade.	

Excerto 07: E-mail trocado por Mia e Ana (inglês e português)

No excerto 08, temos um exemplo de situação informal de comunicação em que a gíria é aceitável e até preferível, para marcar a proximidade e o alto grau de intimidade que as parceiras desejam estabelecer nesta comunicação. Parece que buscam um nível de formalidade mediana, um ponto convergente entre a linguagem

coloquial e a formal, justamente para que se quebre o distanciamento que poderia existir entre elas, caso optassem por uma linguagem extremamente formal.

1	Jeremy	Olá	Melissa!	04 Jun.
2		Tudo bem. E você?	Sou Jeremy	2008
3		Brown (<i>no sítio do teletandem</i> meu		
4		nome e meu sobrenome se		
5		trocaram). (...)		
6		No Skype meu <i>nome do cliente</i> é		
7		 (...) <i>Até pronto!</i>		

Excerto 08: E-mail trocado por Jeremy e Melissa (inglês e português)

Os excertos 08 e 09 expõem algumas escolhas lexicais não muito convenientes para a situação de comunicação do teletandem, pois ocasionam certa artificialidade à comunicação. No caso de Jeremy, ele usa “sítio” e não ‘site’ ou ‘website’ em sua comunicação assíncrona com Melissa. Este é o primeiro e-mail que envia à parceira e soa um tanto dicionarizado, o “falar como uma gramática” que mencionamos anteriormente. O mesmo ocorre com “nome do cliente” para informar seu nome de inscrição ou login e “Até pronto!” (linha 7) para despedir-se da parceira.

O mesmo ocorre com Steve. Sua fala sugere que este aprendiz ainda não domina muito bem as características da língua estrangeira (português) na modalidade informal. Ainda que a parceria se estabeleça por e-mail (gênero secundário - escrito), o mais natural é que o gênero adotado e a comunicação entre os pares sejam mais informais que formais. Porém, no excerto 09, temos um exemplo em que o conhecimento de Steve acerca do português parece-nos ser apenas de meios formais. Sendo assim, as flutuações entre formal e informal ainda vão ser agregadas e reconhecidas pelo aprendiz ao acessar os meios informais de comunicação com os quais o aprendiz ainda não teve contato. Como este e-mail foi enviado no início da parceria com Taís, é de esperar que a noção das variantes apropriadas para a comunicação neste contexto de teletandem ainda vá ser adquirida pelo estrangeiro.

1	Steve	Ola! <i>Sinto muito</i> que não respondi	04 Set.
2		mas estávamos de férias. <i>Não</i>	2007
3		<i>havia aulas ontem. Estava em</i>	
4		<i>casa durante 3 dias</i> e não tive	
5		tempo para ler meu "email".	
6		<i>Regressei</i> hoje e encontrei seu	
7		mensagem. :-)	
8		(...) podemos falar as 18:30 só	
9		para <i>provar a sistema?</i>	
10		Posso falar hoje a noite o no	
11		quinta feira <i>cerca da minha idade</i>	
12		e todas essas coisas.	
13		<i>Que tenha bom dia!!!! :-D</i>	
14		Steve	

Excerto 09: E-mail trocado por Steve e Taís (inglês e português)

Podemos destacar que, para que a comunicação não soe artificial, é preciso que os interlocutores façam ajustes na linguagem adotada e, se preciso, abduquem da linguagem formal em situações em que geraria incompreensões por parte dos parceiros. Nesse sentido, defendemos as parcerias estabelecidas em *teletandem*, pois elas promovem um contexto autêntico de comunicação (Brammerts, 2003) e proporcionam a aprendizagem de regras de uso que mais se aproximam de um padrão linguístico real que a simples aprendizagem de regras gramaticais não proporciona ao aprendiz. Sobre isso, ao discutir a questão do padrão real e do preconceito linguístico, Mollica e Braga (2003) alegam que toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras e que:

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relatar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (Mollica; Braga, 2003, p. 13)

É possível observar que, ao falarmos de língua, logo vem à mente das pessoas em geral a língua culta como padrão ideal de uso. É o que provavelmente ocorre com os aprendizes do português como LE, os quais entram em contato primeiramente com a variante de prestígio da língua. Contudo, esta não é tão usada durante uma

conversação informal pelos falantes, os quais utilizam o “padrão real” de uma língua. Mesmo aqueles que dominam a norma culta lançam mão do “padrão real”, para poderem se comunicar de forma adequada em todos os contextos, pois, de acordo com Preti (1982), uma linguagem culta dificilmente será usada em outra ocasião que não seja de extrema formalidade. Como o aprendiz estrangeiro ainda não tem o conhecimento das flutuações linguísticas e das possibilidades de escolha entre o formal e o informal, ele opta primeiramente pela variante de prestígio.

Nos excertos de 10 a 13, temos exemplos da escolha de variantes inapropriadas para a situação de comunicação. Ellen, no excerto 10, faz uma opção inapropriada ao utilizar o vocábulo “*largas*” para se referir à extensão das férias de Luciana e não ‘*longas*’ além de “*mas*” ao invés de ‘*mais*’.

1	Ellen	voce tem outras férias no inverno	15:28
2		<i>mas largas?</i>	

Excerto 10: Trecho da interação de 11/10/2008 pelo ooVoo de Ellen e Luciana (inglês e português)

Na fala de Mia (excerto 11), deparamos com “*desafortunadamente*” ao se despedir com tristeza da parceira. A brasileira, por sua vez, intervém e corrige: “*nos falamos infelizmente e nao desafortunadamente*” (linhas 2 e 3).

1	Mia	<i>desafortunadamente</i> tenho que ir	16:58
2	Luciana	nos falamos infelizmente	16:58
3	Luciana	e nao desafortunadamente	16:58
4	Luciana	esta bem?	16:58
5	Luciana	Rrsrs	16:58
6	Mia	ta bom	16:59

Excerto 11: Trecho da interação de 29/10/2008 pelo ooVoo de Mia e Luciana (inglês e português)

Como os excertos 10 e 11 são casos de comunicação síncrona, os parceiros reformulam a fala, negociam o sentido que pretendem estabelecer com suas escolhas lexicais e se corrigem, estabelecendo uma comunicação compreensível, o que poderia gerar um grau maior de incompreensão na comunicação assíncrona.

No excerto 12, temos um *e-mail* enviado por Brian à parceira Clarice. A escolha dos pronomes “*esse*” (linha 2) e “*isso*” (linha 4) atribui um certo tom pejorativo ao conteúdo da fala do estadunidense, decorrente do possível desconhecimento de aspectos semânticos e estilísticos da língua que está aprendendo. No final, também percebemos que este aprendiz utiliza uma variante apropriada para a comunicação informal quando diz: “*...meu português é um porcaria*”.

A forma de diminutivo empregada por Mia, na interação pelo *oo Voo* (excerto 13), com sua parceira também não é adequado para a circunstância. Neste caso, o valor semântico atribuído ao vocábulo com o diminutivo é de uma conversa sem importância, com certo ar de ironia e mesmo um tom pejorativo. E esta, como percebemos em todas as interações com Luciana, não é a intenção de Mia.

1	Brian	(...) Recebi um email, sobre	16 Set.
2		<i>esse</i> assunto do Teletandem.	2008
3		Estou Bastante animado para	
4		começar <i>isso</i> (...) Espero que	
5		voce esteja animada para	
6		aprender ingles pois meu	
7		portugues e <i>um porcaria</i> .	
8		Com Muito Prazer	

Excerto 12: *E-mail* trocado por Brian e Clarice (inglês e português)

As escolhas lexicais impróprias e a adequação do “padrão real” da língua ao contexto, no caso das interações entre os parceiros de *teletandem*, são decorrentes da falta de conhecimento da língua coloquial e das flutuações necessárias para as diversas situações de comunicação, apesar de os falantes estrangeiros conhecerem o português *correto* por dominarem a norma culta, previamente aprendida na escola antes de começarem as interações. Esse tipo de linguagem formal empregada denunciará o falante estrangeiro, o qual, muitas vezes, não dispõe de um repertório linguístico adequado para se adaptar de acordo com a situação, gerando assim algumas incompreensões por parte dos falantes nativos daquela língua em que tenta se comunicar.

1	Mia	tenho	que	terminar	nossa	12:36
2		conversinha				

Excerto 13: Trecho da interação de 10/01/2009 pelo ooVoo de Mia e Luciana (inglês e português)

Passamos às conclusões finais, em que reconhecemos o papel do *teletandem* para a aprendizagem de uma LE e a importância da sociolinguística para explicar algumas implicações desse processo de aprendizagem.

CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS

A partir da análise dos dados, podemos comprovar que as interações em *tandem* propiciam um contexto adequado para que o aprendiz desenvolva a competência comunicativa. Com o contato que tem com falantes nativos da língua, passa a ter acesso aos meios formais e informais, os quais antes ficavam restritos apenas aos falantes nativos que, além do domínio (mesmo que implícito) das regras da língua, possuem também o domínio das regras de uso. Assim, os aprendizes são levados a perceberem as adequações que devem ser feitas entre a modalidade oral e escrita da língua no momento de uso, bem como compreender as instâncias formais e informais de uso que a comunicação com um falante nativo demanda.

Pensando no contexto de teletandem, percebemos que são extremamente importantes algumas considerações feitas por sociolinguistas, como, por exemplo, Preti (*apud* Mollica e Braga, 2003, p. 33)

Impossível uma triagem rigorosa entre dialeto social, culto e popular. Além disso, seria possível pensar em subdivisões desses dois extremos propostos. A linguagem popular, por exemplo, poderia admitir gradações inferiores que nos levaria, quem sabe até a um dialeto social vulgar, ligados aos grupos extremamente incultos, aos analfabetos aos que não tem contato algum com os centros civilizados. Nele se multiplicariam estruturas como nós vai, eles fica etc...

Ao fazer tal colocação, o autor explicita a dificuldade na separação entre linguagem culta e popular. Além disso, questiona os limites de onde começaria uma gradação e terminaria outra. Isso se torna ainda mais visível quando nos deparamos com a

comunicação na língua em questão entre falantes nativos de línguas distintas. Concordamos com Preti (1982) quando menciona que, muitas vezes, o falante busca criar meios para interagir com seu interlocutor, de modo que se tenha um nível de fala comum para evitar problemas de comunicação. Esse nível comum é desejável e negociado pelos parceiros *teletandem*.

Alkmin (2004, p. 40-41), por sua vez, considera que a variedade padrão (norma culta) não é a língua por excelência, tendo em vista que:

a língua original, posta em circulação, da qual os falantes se apropriam é o resultado de uma atitude social ante a língua que se traduz pela seleção de um dos modos de falar entre os vários existentes na sociedade e pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo 'correto' de falar

Podemos pensar, então, que os autores citados indagam-se como certas características da fala são simplesmente consideradas certas ou erradas pela escola ou mesmo pelos falantes, sem levar em consideração o contexto em que ocorrem, visto que a comunicação natural e legítima não está pautada na norma culta difundida e defendida pela escola, mas depende de outros fatores. São questionamentos como estes que nos instigaram a dar início a este estudo, pautado nos fundamentos teóricos da sociolinguística. Porém, quando os usamos para explicar os fenômenos que ocorrem nas comunicações em *teletandem*, percebemos que variáveis como a classe social, sexo, nível de escolaridade, idade dos falantes, apontadas como relevantes pela sociolinguística não parecem exercer influência direta na comunicação entre falantes nativo e estrangeiro da língua em questão, uma vez que, como já apontamos acima, tais falantes buscam um nível de fala convergente com os objetivos de comunicação e aprendizagem que estabeleceram na parceria.

Outro fator relevante de importância para a sociolinguística que identificamos é o grau de intimidade que o aprendiz tem com a língua estrangeira e com seu parceiro, além dos objetivos propostos para a prática de *teletandem*. Este fator permitiria, então, que os aprendizes usassem a língua segundo seu grau de conhecimento linguístico, gerando as variáveis aqui presenciadas.

Assim, nosso interesse se focou na discussão das variações oriundas das situações de comunicação entre falantes nativos de duas línguas diferentes na língua de um deles, envolvendo a linguagem em suas modalidades culta e coloquial. Diante dos dados apresentados, acreditamos que as variantes empregadas pelos estudantes são desvios, escolhas lexicais, flutuações que ainda não estão bem delimitadas em sua competência comunicativa, pois, muitas vezes, os estrangeiros têm apenas acesso à norma culta e não aos meios naturais de comunicação que permitem a inserção no âmbito do falar de um nativo.

A noção de variação geográfica também não se aplica aos estudos das interações em *teletandem*, embora os interlocutores não compartilhem o mesmo espaço territorial, visto que os pares negociam o sentido durante suas interações, como se estivessem em uma comunicação face a face e, pelo contato prolongado com a variante daquele parceiro específico, acabam usando a variante com que têm maior contato. Ainda assim, deve-se levar em consideração esse aspecto, pois, muitas vezes, os professores de português no exterior são de Portugal e utilizam esta variante e não a do Brasil. Ainda assim, podemos dizer que o aprendiz ainda não incorporou tal variante como sua, estando aberto a receber influência direta do parceiro. A diversidade no nível sociocultural também não se aplica no caso deste estudo, pois os parceiros de *teletandem* são estudantes universitários de LÊs.

Podemos concluir este trabalho apontando que o contexto virtual de aprendizagem em *teletandem*, de que nos ocupamos neste estudo, é um diferencial nos estudos sociolinguísticos, pois mescla formalidades e informalidades e isso se reflete em marcas linguísticas nas produções dos estudantes, sem, contudo, perpassar por questões de caráter geográfico, de classe social, sexo, nível de escolaridade, idade dos aprendizes da língua. No meio virtual, eles interagem de igual para igual e buscam um nível de língua comum, entre o coloquial e o formal.

Percebemos que as variações da língua são de extrema importância quando nos referimos à aprendizagem de uma língua estrangeira. Assim, é preciso que a diversidade e as variações sejam vistas como constituintes da língua, consideradas e levadas para reflexão na sala de aula onde, muitas vezes, disseminam e perpetuam preconceitos linguísticos e práticas pedagógicas

pautadas no certo e no errado, fazendo com que as variações sejam descartadas e julgadas como incorretas. Isso não cabe aos parceiros de *teletandem*, os quais são tratados como iguais, embora um dos pares seja mais proficiente, porque nativo na língua, e saiba instruir e gerenciar a comunicação para fazê-la soar natural ao seu parceiro.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística* (I. Objetos teóricos). São Paulo: Contexto, 2002, p. 121-140.

BRAMMERTS, Helmut. Autonomous language learning in tandem. In: LEWIS, Tim & WALKER, Lesley (Eds.). *Autonomous Language Learning In-tandem*. Sheffield, UK: Academy Electronic Publications, 2003, p.27-36.

BRAMMERTS, Helmut e CALVERT, Mike. Learning by communicating in tandem. In: LEWIS, Tim e WALKER, Lesley (Eds.). *Autonomous Language Learning In-tandem*. Sheffield, UK: Academy Electronic Publications, 2003, p.45-60.

BURNS, Anne. *Collaborative Research for English Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CAMACHO, Roberto Gomes. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, Cláudia e ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro-contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7letras, 2003, p.55-65.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 49-76.

CAMACHO, Roberto Gomes. A interface sintaxe e discurso na gramática funcional. In: *Os fatos da linguagem. Esse conjunto heteróclito*. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, p.39-79.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 27-51.

CHAUDRON, Craig. *Second language classrooms: research on teaching and learning*. New York: Cambridge University Press, 1988.

- CHOMSKY, Noan. *Syntactic Structures*. Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noan. *Aspects of the Theory of Syntax*. MIT Press, 1965.
- GALVES, Charlotte M. Chambelland; FERNANDES, Flaviane Romani. Morfologia e Sintaxe. In: GUIMARÃES, Eduardo e ZOPPI- FONTANA, Mônica (Orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem- A palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006, p. 75-112.
- GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni P. O conhecimento sobre a linguagem. In: NUNES, José Horta e PFEIFFER, Cláudia Castellanos (Orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem- Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, p.141-157.
- LITTLE, David e BRAMMERTS, Helmut. A guide to language learning in tandem via the Internet. *CLCS Occasional Paper* No. 46. Trinity College Dublin, 1996.
- LITTLE, David, *et al.* Evaluating tandem language learning by e-mail: report on a bilateral project. *CLCS Occasional Paper* No. 55. Trinity College Dublin, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MOLICA, Maria Cecilia e BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NEGRÃO, Esmeralda *et al.* A competência linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística (I. Objetos teóricos)*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 95-119.
- OLIVEIRA, Maria Helena C. e MONTEIRO, Conceição P. *Metodologia de Linguagem*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1981.
- PAGOTTO, Emilio Gozze. Sociolinguística. In: NUNES, José Horta e PFEIFFER, Cláudia Castellanos (Orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem – Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, p.49-72.
- PRETI, Dino. A sociolinguística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social. Dialetos sociais e níveis da fala ou registros. In: PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: Nacional, 1982.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SOUZA, Ricardo Augusto de. Aprendizagem em Regime Tandem: Uma Alternativa no Ensino de Línguas Estrangeiras OnLine. In: ARAÚJO, Júlio

César (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 205- 220.

TARALLO, Fernando. O Fato Sociolinguístico. In: TARALLO, Fernando. *A Pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

TELLES, João Antônio. *Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos - Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger*. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2006. Disponível em: <http://www.teletandembrasil.org/site/docs/TELETANDEM_BRASIL_completo.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2007.

TELLES, João Antônio e VASSALO, Maria Luisa. Foreign language learning *in-tandem*: Teletandem as an alternative proposal in CALLT. *The ESPecialist*, v. 27, n. 2, 2006, p.189-212.

TELLES, João Antônio e VASSALO, Maria Luisa. Teletandem: uma proposta alternativa no ensino/aprendizagem assistidos por computadores. In: TELLES, João Antônio (Org.). *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas: Pontes Editores, 2009, p.43- 61.

VASSALO, Maria Luisa e TELLES, João Antônio. Foreign language learning *in-tandem*: Theoretical principles and research perspectives. *The ESPecialist*, v. 27, n. 1, 2006, p. 83-118.

VASSALO, Maria Luisa e TELLES, João Antônio. Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa. In: TELLES, João Antônio (Org.). *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas: Pontes Editores, 2009, p.21-42.

WALLACE, Michael J. *Action Research for Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Recebido em maio de 2009
e aceito em abril de 2010

Title: *A sociolinguistic glance at teletandem interactions: diversity and linguistic variations*

Abstract: *This article reports on the diversity and the linguistic variations in e-mails and chat interactions in teletandem interactions. Based on the interface of foreign language acquisition and sociolinguistics, its focus is on linguistic variants under the perspective of the social variations of language, especially regarding standard and non-standard norms of the Portuguese language in a teletandem context. Sociolinguistics offers us resources for the analysis and understanding that we intend to provide about teletandem interactions. We also mention the Teletandem Brasil project, its ideas and theoretical orientations, and also analyze data collected. The findings show that the variations in foreign students' written production, who are also Portuguese learners, come from fluctuations between the standard and non-standard norms because students still do not have complete communicative competence in the target language.*

Keywords: *Sociolinguistics; teletandem; linguistic variations; linguistic adequacy.*